

## **CORPO, CULTURA E SINCRETISMO: O RITUAL DA CONGADA<sup>1</sup>**

**Dulce Filgueira de Almeida**

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

### **Resumo:**

O trabalho tem como objetivo descrever e analisar a Congada como um elemento sincrético que possibilita a relação do corpo – construção social – com o sagrado e o profano. Para tanto se desenvolveu uma etnografia, tendo-se como caso estudado a *Congada Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*. Os resultados apontam que há nesta manifestação um sistema ritual que se constitui com base em elementos transcendentais, sendo a maneira encontrada pelo grupo para estabelecer a relação com o sagrado, representando sua identidade cultural afrodescendente em um contexto sociocultural moderno, como é o caso de Brasília.

**Palavras-chave:** Corpo. Cultura. Sincretismo. Congada. Sistema Ritual. Identidade.

---

### **Introdução**

O trabalho que ora se apresenta constitui-se em uma análise inicial – tendo-se, portanto, apenas uma pretensão diagnóstica do fenômeno que se passa a investigar – sobre a relação entre as práticas corporais e o movimento sincrético da Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário, em Brasília/Distrito Federal – Brasil. Os aspectos centrais perpassam a compreensão do significado da Congada Nossa Senhora do Rosário como sistema ritual sincrético, que envolve o entrelaçamento de religiões, bem como a identidade e memória coletiva do grupo social.

---

1-Uma versão em inglês desse trabalho foi publicada no *Sociology Study*, Sep. 2011, vol. 1, n. 4, p. 265-271. Agradeço o recebimento de apoio concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes/MEC, Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação e Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

A Congada é um auto popular representado por populações afro-brasileiras durante festejos ou festividades católicas, como Natal (25 de dezembro) e dia de Reis (6 de janeiro). Trata-se de uma manifestação corporal híbrida, posto que apresenta em seu bojo traços da cultura africana – como se pode pressupor com base no nome (Congada – originalmente vem de Congo, em português) e da ibérica, particularmente, a portuguesa (FERNANDES, 2007). Seu tema básico é a luta (guerra) e para representá-la a dança é encenada por meio de autos populares, que correspondem a uma espécie de ópera, em que contam encenação própria, tendo cada participante um papel determinado.

Esta manifestação nasceu no Brasil, por volta do século XVIII, tempo em que ocorreram os primeiros registros históricos. Conforme Fernandes (2007), a Congada nasceu em 24 de junho de 1706, na vila Iguaraçu<sup>2</sup> em Pernambuco, quando foi encenado pela primeira vez o auto dos Congos.

Outras fontes documentais indicam os estados do Espírito Santo e Minas Gerais como lugares de origem da manifestação (MELLO E SOUZA, 2002). Todavia os registros etnográficos que encontramos e que se baseiam em fontes orais dizem que a Congada – pelo menos a versão da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Brasília – nasceu em Minas Gerais<sup>3</sup>.

Tais aspectos permitem que se conjecture que a manifestação foi recorrente no Brasil em pelo menos três estados (Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais), sendo que a Congada da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Brasília, que foi escolhida para a análise, tem sua origem em um grupo de negros vindos de Minas Gerais, notadamente de Carmo do Cajurú, para o Distrito Federal durante as décadas de 60 e 70 do século XX, tendo sido apontado por nossos informantes (Entrevistas 01 a 04<sup>4</sup>) o ano de 1882 como o do seu surgimento naque-

2-A grafia da palavra Igaracu foi modificada e atualmente se escreve Igarassu, que é uma cidade do litoral de Pernambuco. Contudo, nos registros de Fernandes (2007), ao reportar-se à vila há utilização do nome como disposto no texto.

3-Informação oral obtida em campo (FILGUEIRA DE ALMEIDA; MENEZES, 2009).

4-Foram realizadas quatro entrevistas e estas serão identificadas como Entrevista 01, 02, 03 e 04. As entrevistas 01 e 03 foram realizadas com sr. Eli e 02 e 40, com dona Dora. Agradeço o acolhimento dos nossos entrevistados.

le estado, o que demonstra a secularidade da prática.

A variante da Congada que nos interessa estudar – Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Brasília – apresenta um conjunto de características particulares que merecem ser destacadas. O primeiro aspecto diz respeito ao local de sua origem. Trata-se de uma manifestação que se origina em Minas Gerais, integrante da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. De acordo com Câmara Cascudo (2002, p. 150):

Em Minas Gerais as congadas integram a irmandade Nossa Senhora do Rosário e se realizam no mês de outubro, em homenagem à padroeira. Seus participantes vestem-se de branco, com um saiote de fitas multicoloridas e o *rosário de lágrimas* a tiracolo, da esquerda para a direita, e dançam ao ritmo das caixas e chocalhos.

De outra parte, a Congada passou por algumas modificações particulares, em comparação com outras versões colhidas em determinadas regiões do Brasil, como se verá adiante. Contudo a essência da manifestação permanece, fundada, neste particular, nos três santos católicos Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia. Ademais a saída e entrada da capela (templo) ocorrem tal e qual os registros de Câmara Cascudo (2002), Fernandes (2007), Brandão (1981) e Mello e Souza (2002), para citar alguns pesquisadores que investigaram a temática.

Ainda assim, colabora para a singularização da manifestação escolhida o tema das religiosidades, que se faz presente nos autos das congadas de duas formas. Uma como tematização dos autos em que se tem uma luta da nova religião, o catolicismo, com a antiga, a muçulmana. E, outra, por meio da adoção de elementos sincréticos na própria prática, conforme a hibridação de aspectos do catolicismo com os de outras religiosidades, particularmente, no caso da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, a forte influência da umbanda, mas também do candomblé. Este aspecto é interessante de ser observado posto que a maioria dos estudos sobre o tema realizados pelos pesquisadores já citados aborda esta manifestação como preponderantemente católica, ainda que reconheça a utilização de ritos sincréticos, que envolvem outras religiões. No nosso caso, o suposto é que a preponderância se inverta, isto é, tem-se maior ênfase nos elementos da umbanda, que se corporificam: (a) no local em que a prática se realiza, terreiro de um

banda e (b) na presença de um pai e de uma mãe de santo, bem como de deuses e símbolos sagrados da umbanda e do candomblé.

Dessa maneira, o norte para a compreensão das práticas corporais da Congada no terreiro Irmandade Nossa Senhora do Rosário em Brasília se materializa, à medida que outros elementos que singularizam a eleição do objeto corroboram para anunciar um fenômeno social de relevante complexidade e que está imbricado em redes de relações cujo o sentimento é da forte presença da consciência coletiva no grupo – sentido de Irmandade – em que formas de religiosidades e constituição de um sistema ritual característico se interpõem.

### **Aspectos metodológicos**

Com o objetivo de entender o significado da manifestação, questionou-se como se constitui o sistema ritual da Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário em relação à constituição da identidade do grupo e conformação da consciência coletiva.

Por meio de uma análise sociológica, tendo por base um exercício etnográfico, usando-se como técnicas a observação e a entrevista (construída como conversa informal), a pesquisa foi centrada no ritual de ensaio da Congada, que corresponde ao momento em que os atores participantes da manifestação se preparam para as festividades, o que pode ter do ponto de vista metódico duas implicações.

De um lado, tem-se que a observação do ensaio apresenta um aspecto negativo, posto que os pesquisadores não tiveram<sup>5</sup> acesso à apresentação dos atores vestidos conforme o figurino que utilizam durante as apresentações, que ocorrem, como dito anteriormente, principalmente em dias festivos vinculados ao calendário católico ou datas comemorativas da população afrodescendente no Brasil.

De outro, pode representar um aspecto positivo, visto que se parte

---

5-Registro que o trabalho de campo foi realizado por Fernanda Menezes e por mim, por isso a utilização ao longo do texto da primeira pessoa do plural. Aproveito para agradecer a participação da Fernanda (bolsista PIBIC-UnB/CNPq) na realização da pesquisa e ao CNPq pela concessão da bolsa de IC. O trabalho de campo foi iniciado em 2009 e consistiu em algumas visitas a outros locais de manifestações corporais no DF, optando-se, posteriormente, pela Congada do terreiro da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. As anotações de campo aqui apresentadas dizem respeito a uma visita especial que teve como finalidade construir os registros etnográficos para dar início ao trabalho de pesquisa, que continua até a presente data.

para analisar os elementos do sistema ritual em um estado mais puro, ou seja, considerando o ensaio como o momento inicial de constituição da prática corporal.

Na observação do ensaio como sistema ritual, buscamos interpretar a Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Brasília/DF, seguindo como roteiro orientador três momentos que se constituíram: pela entrada no terreiro; o rito e a identidade (sistema ritual) e a saída do local.

### **A Congada como manifestação sincrética e seu sistema ritual**

#### **A entrada no terreiro**

Chegamos ao terreiro Irmandade Nossa Senhora do Rosário às 14h30. Lá chegando fomos recebidos pelo sr. Eli, que já nos esperava. Sr. Eli abre o portão central do terreiro, permitindo-nos a entrada. A Congada ainda não iniciou o ensaio, mas os componentes já se encontram, em sua maior parte, no local. Adultos e crianças se misturam. (notas de campo, setembro de 2009)

Como se percebe, a entrada no lugar transmitiu um sentimento de *desplazamento*: a impressão de estar em uma vila, confrontando-se claramente com a noção de urbanidade presente em centros urbanos como o de Brasília. Parece que o rural se confunde com o urbano no mesmo sentido que disse Canclini (2004) ao apresentar a definição de hibridação.

O chão do lugar é de terra batida, havia algumas árvores e quatro casas, que ajudam a definir a composição do espaço do terreiro. As edificações são simples e não há suntuosidade no lugar, apesar de a propriedade ter um valor econômico relativamente alto por sua localização e dimensões (em torno de 5 mil metros quadrados). A área da propriedade era ainda maior, mas por causa de um acordo com o estado, dona Dora concedeu parte das terras para a realização de uma obra de infraestrutura local, ficando com uma porção de terra menor, o que não parece incomodá-la. (notas de campo, setembro de 2009)

Observando-se o sentido do verbo conceder, os sinônimos vão desde outorgar, facultar ou dar, até expressões usadas na etnologia de

Mauss cujo significado é doar, oferecer ou dar (dádiva). Faz sentido questionar se seria a concessão um traço de solidariedade presente na consciência coletiva do grupo constituinte da Congada.

“O lugar é protegido por muros altos e tem um grande portão que permite o acesso, que consiste numa espécie de fronteira que limita a acesso de desconhecidos” (notas de campo, setembro de 2009).

Os muros altos reforçam que, apesar de o Brasil ser um estado laico, e, mesmo considerando que umbanda e candomblé são religiosidades nacionais, a manifestação de determinados credos religiosos ocorre, por vezes, de forma oculta. Isto porque parece haver interpretações, reforçadas pelo imaginário católico, que se reportam à condenação de práticas e rituais, associando-as a algo perigoso e mal.

A umbanda ou o espiritismo de umbanda, grosso modo, é um culto recente, que incorpora elementos do sistema ritual do espiritismo dos brancos à população negra. Conforme Bastide (2006) há um traço singular a ser evidenciado no espiritismo de umbanda, pois o cerne da incorporação não se dá por meio de deuses e, sim, por meio das almas dos mortos desencarnados e representa, de certa maneira, uma adaptação da macumba à sociedade urbanoindustrial do início do século XX, em que tudo que é demasiado “africano”, como os sacrifícios de animais ou o ritual secreto de iniciação, é suprimido.

Com efeito, as observações de Bastide (2006) nos levam a compreender que o espiritismo de umbanda traz consigo evidentes sinais do espiritismo kardecista, mas também pode expressar elos com o candomblé e com a macumba, cuja principal diferença é que, nesta última, deuses africanos e espíritos da mitologia são chamados a se incorporar em seus fiéis no decorrer da mesma cerimônia, enquanto no candomblé dos caboclos a incorporação ocorre em momentos distintos. No entanto, é necessário construir com maior precisão as características da Congada e do local em que ela se situa. Claro, o fato de a manifestação acontecer dentro de um terreiro é um aspecto distintivo peculiar, além disso, os participantes são frequentadores do terreiro. Porém, a Congada é uma prática corporal própria, em que elementos de incorporação podem ocorrer, mas no geral há apenas vibrações espirituais, sendo os santos católicos Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia os guias do auto.

O terreiro de umbanda, assim como o do candomblé, constitui-se como um espaço social sagrado, em que se podem apreender os mitos e práticas de populações negras brasileiras como processos de reatua-

lização e de revivificação de rituais em manifestações religiosas que se remetem à África (ORTIZ, 1994; BASTIDE, 1971).

O terreiro Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Brasília faz parte da Irmandade do mesmo nome que se encontra na cidade de Carmo do Cajuru/MG e que tem como coordenador geral da Congada o sr. Eli, por seu turno, dona Dora, que é mãe de santo – é responsável pelo espaço do terreiro. Segundo nos disse dona Dora: “a Irmandade como um todo possui seis formações ou ternos, sendo um Congo, dois Catupés e três Moçambiques, estando os elementos que os diferencia nos participantes, nos toques, danças e nas respostas dadas aos cantos” (Entrevista 03/10).

No espaço do terreiro a casa principal está no centro diante do portão central e pertence ao pai de santo – que é filho de dona Dora, à direita, está a capela Nossa Senhora do Rosário, o depósito e o cruzeiro e ao lado deste, um pouco mais à esquerda, encontra-se o galpão, onde são realizados os trabalhos da umbanda e do candomblé [...] Logo, há um cruzeiro [...] Trata-se, de um espaço sagrado, que nos faz remeter ao respeito e à devoção. (notas de campo, setembro de 2009)

A imagem do cruzeiro assemelha-se à de um cemitério e parecer o mesmo peso simbólico (...), posto que além de ser um lugar de oração, também é um espaço de sacrifício [...] (notas de campo, setembro de 2009).

É importante observar que a capela e todos os símbolos sagrados, como o cruzeiro, (santuário) estão à direita. Deste modo, fazendo uma analogia com a interpretação dada por Hertz (1989) à relação entre a polaridade religiosa e os lados direito e esquerdo, há por detrás das escolhas uma função religiosa. Portanto, a distribuição do espaço do terreiro e a localização à direita dos símbolos sagrados correspondem à maneira de devotar ao lado direito o sentido de sacralização.

### O rito e a identidade

A Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário compreende dois grupos ou formações (ternos), contando com 40 participantes: Moçambique e Catupé, cujos membros, batuques, ritmos e musicalidades

são distintos. Conforme nos disse nossa entrevistada: “a ordem [que diz respeito à orientação espiritual] para fazer a montagem da Congada [formação de Brasília] foi recebida por ela em 13 de maio de 1988, mas [a Congada] tocou pela primeira vez em 13 de maio de 1989. Eu recebi a ordem e falei com o Eli. Falei com ele para pedir autorização para criar nosso terno aqui” (Entrevista 04/10).

No Moçambique, o ritual inicia com o batuque dentro da capela, em que os capitães dançam no centro da roda após a oração do grupo para a partida da Congada.

“Esta parte do ritual lembra o sentido de transe de outras manifestações, isto é, um momento de preparação ritual que consiste na incorporação de um guia ou santo ou mesmo a presença de vibrações espirituais que permitem o início dos trabalhos” (notas de campo, setembro de 2009).

De acordo com nossos informantes, todos os principais participantes são iniciados no candomblé, ao passo em que “desenvolvem” seus trabalhos com a umbanda.

Pelo que percebemos das falas, é como se a umbanda representasse para o grupo uma doutrina religiosa superior ao candomblé, todavia não tenho como afirmar que motivações estão relacionadas a essa espécie de hierarquização entre essas duas religiões. Ao que tudo indica, essa standardização está relacionada à origem das duas religiões, visto que, como afirmou Bastide (2007), como forma de adaptação à sociedade branca dos anos 1930 era necessário extirpar todo o tipo de manifestações que se vinculavam à cultura africana, buscando a integração. Contudo, também mencionou nosso entrevistado que na Congada não há rito de iniciação, como disse: “com exceção dos capitães, os outros não têm uma formação específica. Para participar da Congada não é necessário ser iniciado [reportando-se ao candomblé]” (Entrevista 03/10), o que sugere uma clara diferenciação com o candomblé, em que para que um indivíduo participe desta religião é imprescindível ser iniciado.

O Moçambique foi a primeira formação observada durante o trabalho de campo e se trata da mais importante dentro do terreiro. É composta apenas por adultos e é conduzida por dois capitães que, por sua vez, são levados – no sentido espiritual – respectivamente, por Nossa Senhora Ifigênia (OSSAIM) e por São Benedito (OXUMARÊ). Trata-se de uma formação menor.

A segunda composição – Catupé – é constituída por adultos e crianças, cuja presença indica, conforme nos disse sr. Eli, a possibilidade de continuação das práticas do grupo, mas trata-se de uma formação mais simples e os elementos da umbanda não parecem evidentes tal qual ocorre com a outra formação.

Na formação analisada, os papéis são definidos com base na posição hierárquica ocupada pelo ator na irmandade, deste modo os sobrinhos mais velhos, que são os filhos do sr. Eli, são os capitães. O ritual apresenta a seguinte formação:

A formação da Congada ocorre em duas linhas, estando no centro os capitães, mas para o ritual de preparação há a formação de uma roda. Quando a distribuição ocorre em duas linhas, há na linha da direita a porta-bandeira (bandeirista ou alferes) – que, no caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, é representada por uma mulher que se veste a caráter para conduzir o símbolo ao qual se deve toda reverência. Na bandeira, cujas cores predominantes são azul e branco, há a imagem de Nossa Senhora do Rosário [...]. (notas de campo, setembro de 2009)

No Moçambique identifiquei o capitão como o principal elemento do grupo, ainda que toda a reverência seja dada para o pai e a mãe da Congada – como são reconhecidos e chamados sr. Eli e dona Dora. Durante o ritual do ensaio, o principal capitão está guiado por Nossa Senhora Ifigênia, determinando, com base nos elementos da guia, o ritmo do batuque assim como o da cantoria. (notas de campo, setembro de 2009)

Há neste contexto uma mudança de estado, isto é uma transformação *totius substantitae*, como afirma Durkheim (1989) ao referir-se aos rituais de iniciação aos quais se submetem os jovens em certos ritos religiosos quando realizam a passagem da morte para renascimento. O momento da incorporação é marcado pela busca de contato com entidades do plano sagrado e para que ocorra é necessário observar-se precauções do ritual.

Para obter o transe, além do ritmo do batuque, os capitães fazem uso do álcool (no caso a cachaça). Pode durar algumas horas para a obtenção do estado de transe ou mesmo ser imediato,

tudo depende da concentração e do estado espiritual que se forma no contexto. (notas de campo, setembro de 2009)

Os capitães possuem um bastão, porém na formação do Moçambique além do bastão, os capitães usam um adereço especial – que é um chocalho colocado nos tornozelos, que recebe o nome de gungas. A imagem desse instrumento é muito curiosa, às vezes dá a impressão de ser uma algema para manter os pés do dançador em um local determinado, às vezes parece um instrumento musical que se incorpora ao corpo do capitão principal (notas de campo, setembro de 2009)

O uso do adereço, que é um instrumento de percussão do capitão, pode suscitar duas interpretações, como se verifica pelas notas de campo anteriormente apresentadas. Por um lado, pode ter como interpretação a imagem de uma argola com a qual se prendia os negros durante o período da escravidão no Brasil ou ser entendido como um instrumento com o qual é possível determinar o ritmo da dança, posto que a mesma é marcada por uma forte pisada no chão, como os tradicionais chocalhos dos povos indígenas brasileiros.

O capitão dita a entonação para os demais integrantes do grupo, que a desenvolve de forma repetida. Atrás dele, está o outro capitão que foi conduzido por São Benedito. Entre eles há um movimento sincrônico e as orações são “cantadas” conjuntamente, todavia sempre se inicia pelo primeiro capitão. (notas de campo, setembro de 2009)

Os movimentos sincrônicos resultantes da interação existente entre os dois capitães trazem à Congada uma harmonia singular, havendo não só um acoplamento entre corpo e espírito, mas também a expressão de técnicas corporais, identificadas por meio de gestos dançados, que seguem de acordo com a cantoria.

“Os outros membros do grupo... repetem o refrão e mantêm o ritmo do batuque. Os movimentos corporais são simples e a música é monótona e triste” (notas de campo, setembro de 2009).

Por outro lado, apesar da simplicidade, a dança apresenta – assim como na versão colhida por Fernandes (2007) em Sorocaba/SP – três características essenciais: é profana, religiosa e guerreira.

O canto durante o ritual trata de Nossa Senhora, tendo como refrão “hoje é dia de Nossa Senhora”, canção que se reporta aos momentos de vida do próprio capitão e da Irmandade. Outras cantorias tratavam do passado de exploração das populações afrodescendentes no Brasil e da história do grupo, em que são apresentados feitos da infância do capitão e em sua descrição estão os registros do pai e da mãe, o sr. Eli e dona Dora, respectivamente. (notas de campo, setembro de 2009)

Pode-se compreender pelas cantorias, que a história da Irmandade se confunde com a história dos atores sociais (personagens centrais da Congada), conforme desempenham papéis e se localizam na estrutura hierárquica do grupo, sendo reconhecidos e legitimados por meio destes, o que reforça o sentido de irmandade e demonstra a presença da consciência coletiva no grupo.

Percebeu-se também que os traços característicos da Irmandade se estreitam por enlaces de sangue, pois filhos, sobrinho e netos continuam a tradição da Congada. Os mais jovens fazem parte da segunda formação (Catupé).

Há no contexto uma espécie de resgate da história oral do grupo e do passado de exploração a que foram submetidas as populações afrodescendentes no Brasil, ao tempo em que também são enfatizados mecanismos de resistência de quilombos em Minas Gerais, com a vinda de grupos de negros deste estado para outros, mas especificamente para Goiás e oportunamente para o Distrito Federal.

A transmissão oral e sua manutenção por meio da dança constituem na maneira de cristalização da tradição da Congada e de seu sistema ritual. Assim, concordamos com Mauss (2003) de que a transmissão oral é um modo de expressar um ato tradicional e eficaz de educação do corpo. Isto porque o saber popular não existe fora das pessoas, está entre elas e a tradição oral passa a ser o recurso que o grupo social conta para manter o processo de estruturação da rede de trabalho ritual (BRANDÃO, 1981).

No grupo [da Irmandade] todos usam um rosário e tocam um instrumento. Os capitães – que também usam um rosário no pescoço, não tocam instrumento, usando apenas o corpo e os gungas como forma de estabelecer contato com o sagrado. (notas de campo, setembro de 2009)

A utilização do rosário – símbolo sagrado – no corpo dos participantes da Congada pode evidenciar que o corpo é um lugar de mestiçagem, ou seja, um sistema de técnicas corporais que representa o acoplamento que une ou ata o homem como corpo e espírito (FINTZ, 2003). Assim, por meio da interação entre corpo e espírito, constitui-se na Congada um sistema de representação que incorpora o sentido do que é pensado (conteúdo) e o modo de pensá-lo (forma), que significa, para Durkheim (1989), o conceito de representação social. Trata-se de práticas corporais nas quais o corpo representa um instrumento por meio do qual a interpenetração do sagrado com o profano se realiza. Esta noção possibilita que se compreenda o sentido do ritual da Congada como algo simbolicamente construído, mas que se remete ao deslocamento do espiritual para o corpóreo, que vem no caso da Congada por meio dos guias dos capitães (OSSAIM e OXUMARÊ).

### **A saída para finalizar**

Os estudos precedentes sobre a Congada no Brasil apontam esta manifestação como predominantemente católica, vinculada ao calendário religioso brasileiro.

No caso estudado – Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário – mesmo tendo em conta que ela também adota elementos do catolicismo – é inegável a forte vinculação com outras religiosidades, considerando aspectos como *localização* (terreiro), *hierarquia*, confirmada pela presença de pai e mãe de santo e *sincretismo*, adoção de símbolos (imagens) sagrados que se hibridizam segundo distintas religiões.

Assim, entendemos que a Congada analisada constitui-se como expressão de tradições corporais e também como uma forma de interpenetração do profano como o sagrado, demarcada por traços sincréticos híbridos entre catolicismo, umbanda e candomblé. Esta mescla torna possível que se confirme a presença de elementos sociológicos que se constituem como mecanismos de resistência da população afro-brasileira, cujos costumes foram submetidos aos dos católicos e que assim mesmo resistiram, com base na reatualização e revificação.

Temos, então, uma manifestação profana, por ser uma dança (auto popular), representada teatralmente, em que atores sociais desempenham papéis, conforme a posição ocupada na hierarquia do grupo; e sagrada, porque – situada no calendário católico – toma como referência a adoração a santos católicos, que são sincretizados com no can-

domblé e umbanda. Por fim, pode-se dizer que a Congada é também guerreira, por reportar-se à luta do negro no mundo dos brancos, ainda que a identificação do negro não esteja aqui colocada como critério vinculado à raça, mas à condição de exclusão da população negra e de seus descendentes na sociedade brasileira.

Na Congada analisada, há uma significação transcendental, interpretada como a maneira encontrada pelo grupo para se relacionar com o sagrado, mantendo a memória coletiva, e representar sua identidade cultural, conformada em um processo de hibridação em um contexto sociocultural demarcado por clivagens como é o brasileiro, em particular, o de Brasília/DF.

Finalmente, há um momento em que todos devem reverenciar a bandeira, em um sinal de respeito para obter a autorização para a saída do terreiro, que tem como significado a realização de um trabalho espiritual de limpeza de todos os arredores... cada membro do grupo se aproxima da bandeira, se agacha e beija o símbolo de sua Irmandade [...]. (notas de campo, setembro de 2009)

---

### **Body, culture and syncretism: the congada manifestation**

#### **Abstract**

This paper has the aim to describe and analyze the Congada manifestation as an element of syncretism that enables the relationship among the body, as a social construction, the sacred and the profane. For that purpose, I developed an ethnography for studying this manifestation of the Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário. The results show that there is, in this manifestation, a ritual system grounded on transcendental elements, which the group used to establish a relation with the body as sacred, representing its afro-descending cultural identity in the social context of a modern city such as Brasília.

**Keywords:** Body. Culture. Syncretism. Congada. Ritual System. Identity.

### **Cuerpo, cultura y sincretismo: el ritual de la congada**

#### **Resumen**

El trabajo tiene como objetivo describir y analizar la Congada como un elemento sincrético que posibilita la relación del cuerpo – construcción social – con el sagrado y el profano. Para tanto se desarrolló una etnografía, teniendo como caso estudiado la Congada Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Los resultados apuntan que hay en esta manifestación un sistema ritual que se constituye con base en elementos transcendentales, siendo la manera encontrada por el grupo para establecer

relación con el sagrado, representando su identidad cultural afro-descendiente en un contexto sociocultural moderno, como es el caso de Brasília.

**Palabras clave:** Cuerpo. Cultura. Sincretismo. Congada. Sistema Ritual. Identidad.

---

## Referências

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 1971.

\_\_\_\_\_. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Sacerdotes da viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CÂMARA CASCUDO, L. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2002.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa** (o sistema totêmico na Austrália). São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. revista. São Paulo: Global, 2007.

FINTZ, C. **Le corps comme lieu de métissages**. Paris: L'Harmattan, 2003.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: **Religião e sociedade** (6). Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1989.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.

MELLO E SOUZA, M. Catolicismo negro no Brasil: Santos e Minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. In: **Ásia e África**, 28, p. 125-146, 2002. Disponível em: <[http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n28\\_p125.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n28_p125.pdf)>

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

---

Recebido em: 28/09/2011

Revisado em: 14/11/2012

Aprovado em: 05/01/2012

**Endereço para correspondência**

dulce@unb.br

Dulce Filgueira de Almeida

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação Física

Campus Universitário Darcy Ribeiro

ASA NORTE

70919-970 - Brasília, DF - Brasil

Caixa-Postal: 04502